

Para a América com os dukhobors
Excertos selecionados de um relato de viagem

To America with the Doukhobors
Selected excerpts from a travel report

Daniela Simone Terehoff Merino¹

Resumo: A obra *Para a América com os dukhobors* (1905) é uma importante fonte de pesquisa aos interessados na história russa de fins do século XIX. Escrita pelo pedagogo e diretor teatral Leopold Antônovitch Sulerjítiski (1872-1916), este relato de viagem traz com riqueza de detalhes a experiência vivida pela seita cristã russa dos *dukhobors* (literalmente “lutadores do espírito”) antes, durante e depois de sua partida para o Canadá em fins de 1898. Apesar de sua importância, no entanto, a obra encontra-se ainda inédita em língua portuguesa. A presente tradução comentada de alguns excertos selecionados deste relato objetiva apresentar a obra ao leitor brasileiro. Trata-se não apenas de enriquecer os estudos de história russa no Brasil, como também de desvelar a faceta livre e aventureira de Leopold Sulerjítiski, ainda tão pouco conhecida em nosso país.

Palavras-chave: Tradução; Cultura russa; *dukhobors*; Leopold Sulerjítiski; Liev Tolstói.

Abstract: The book *To America with the Doukhobors* (1905) is an important source of research for those interested in Russian history in the late 19th century. Written by pedagogue and theater director Leopold Sulerzhitsky (1872 – 1916), this travel narrative brings in rich details the experience of the Russian Christian religious group *doukhobors* (literally “Spirit-Warriors”) before, during, and after their departure for Canada in 1898. Despite its importance, however, the book is still unpublished in Portuguese. The present commented translation of selected excerpts aims to introduce the work among us. It is not only about enriching the studies of Russian history in Brazil, but also about unveiling the free and adventurous side of Leopold Sulerzhitsky, still so little known in our country.

Keywords: Translation; Russian culture; *doukhobors*; Leopold Sulerzhitsky; Leo Tolstoy.

Batum.

Manhã de terça-feira, 8 de dezembro de 1898.

Passamos a noite toda construindo as tarimbas nos porões inferiores. Terminamos a parte superior traseira do convés. Essa noite o barulho no navio se intensificou ainda mais devido ao contínuo ruído do guindaste que estava transportando o carvão.

Batum.

Quarta-feira, 9 de dezembro de 1898.

¹ Doutoranda com bolsa FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, processo nº 2017/21093-8) em Literatura e Cultura Russa pela Universidade São Paulo, sob orientação da profa. Dra. Elena Vássina. daniela.terehoff@hotmail.com.

Passamos toda a terça e o cair da noite de quarta-feira nesses mesmos trabalhos. Iniciamos o carregamento da bagagem na terça à tarde e fomos até quarta à noite. Para isso, tivemos de chamar mais sessenta *dukhobors* que trabalhavam por turno nos porões inferiores recebendo a bagagem dos guindastes e distribuindo de maneira que as trouxas não rolassem e nem se quebrassem com o balanço do navio. No convés, tudo estava obstruído por sacas de farinha.

Por volta do meio dia de hoje as tarimbas estavam todas prontas. Porém, tanto elas quanto todos os porões dos conveses haviam sido cobertos por uma espessa camada de um pó de carvão finíssimo desprendido durante o transporte do carvão. Era impossível acomodar as pessoas sem antes lavar o navio.

Ligamos a mangueira de incêndio à bomba do vapor – como sempre é feito na lavagem de navios – e logo saiu dali com chiados e resmungos um forte jato de água quente.

Fui obrigado a recordar minha antiga prática de marinheiro e segurar a mangueira da bomba. Aproximadamente trinta *dukhobors* muniram-se de compridos lambazes² e escovões e puseram-se a esfregar os conveses e porões com afinco.

O trabalho foi alegre e barulhento. O forte jato de água acabou rápido com a sujeira e os *dukhobors*, que balançavam e gracejavam com animação, às vezes caíam sem motivo sob o jato de água, como se desejassem mostrar que esse trabalho não era algo incomum para eles.

Após a limpeza do navio, às cinco horas da tarde, chegou uma comissão composta pelo cônsul inglês e dois capitães de navios atracados em Batum. Eles tinham de inspecionar as adaptações que havíamos construído para os passageiros.

Tendo circulado por todo o navio e aprovado sua construção, eles exigiram o acréscimo de abraçadeiras em alguns lugares e foram embora expressando surpresa diante do trabalho rápido e firme dos *dukhobors*.

Ao meio dia de amanhã (quinta-feira), termina o prazo de permanência do navio no ancoradouro gratuito e é preciso ter pressa no embarque dos passageiros.

Mas antes de darmos início a isso, precisávamos inspecionar a bagagem que as pessoas desejam levar consigo; de forma que todas as grandes trouxas e fardos – desnecessários durante a viagem – fossem entregues no porão e não ocupassem espaço das tarimbas. Durante essa inspeção tivemos de levar baús grandes demais para o porão e com frequência acabamos por nos deparar com a forte resistência das senhoras-*dukhobor*.

Você vê todo um amontoado de sacos, baldes, barrizinhos, caixotes com tudo quanto é coisa e, além disso, dois baús enormes e acaba perguntando:

² Vassouras de cordas utilizadas a bordo dos navios.

- Essa bagagem é pra quantas pessoas?
- Pra quatro. Por quê? – pergunta uma mulher³ que ora sorri, ora põe-se a chorar.
- Eu já pedi pra vocês levarem o mínimo possível: um serviço de chá e uma muda de roupa. Já que todas as semanas os baús vão ser tirados do porão.
- E por acaso aqui tem muito? Isso aqui, se é mesmo pra quatro pessoas, não é nada de nada. Além do que, pra mim, não dá pra ir sem ele, sem esse baú: não mesmo. Ora-a-a!..
- Bem, mas o que a senhora tem aí?
- O quê.... Um serviço de chá.
- Isso tudo pra quatro!
- Mas é claro! Bom, aí tem linhas, agulhas, remendos, sabonete, três mudas de roupa, o traje em caso de morte...
- Bem, como queira, mas esse baú vai para o porão. Pegue o serviço de chá e uma muda de roupa, mas o restante a senhora vai ter que pegar no porão.

A mulher desanima no mesmo instante e faz uma última tentativa entre lágrimas:

- Tá-á-á! Mas a família Rizántsev deixou ainda mais coisas do que eu!
- Sim, porque eles estão em vinte e uma pessoas.
- Tá bem, já entendi. Pega, vai. O que se pode fazer? – diz ela decidida após uma triste reflexão – Só me faz um favor: olha direitinho pra ver se ele fica inteiro, porque se não, como dizem as nossas irmãs de Liubóchnia, os baús são jogados com força demais; como se fossem nozes, elas falam, e acabam por se quebrar.

Às nove horas da noite os velinhos foram informados do plano segundo o qual o embarque seria realizado no navio.

Os velinhos aprovaram, entretanto, pediram permissão para se sentarem em determinada ordem, separados por povoados. Eles já tinham percorrido todo o navio e marcado com giz os lugares de cada um.

Por diversas razões seu plano parecia ser impraticável; mas, como eles nunca haviam me pedido nada, resolvi ceder.

Examinei os porões uma última vez.

Reinavam o silêncio e o vazio ali. Os conveses recém-lavados cheiravam a umidade, já não havia quaisquer vestígios do barulho e da desordem e os labirintos de tarimbas, aparentando harmonia e solenidade, pelo visto esperavam por seus passageiros. Junto ao portaló⁴ da entrada

³ A palavra russa utilizada aqui foi баба. Refere-se a uma mulher simples.

⁴ Abertura no casco de um navio por onde as pessoas transitam para fora ou para dentro ou levam carga leve.

apareceu a primeira figura de um *dukhobor* com a bagagem. Vendo um ao outro, nós dissemos sem querer:

– Em boa hora.

Tímida e confiante, sua família veio atrás dele.

E do convés superior, tanto quanto a noite permitia, foi possível ver, como vinda de algum lugar da escuridão, uma fila interminável de gente a se arrastar vagorosamente com fardos de cobertores e travesseiros⁵ nas costas e crianças nos braços.

Até a meia-noite o movimento foi bastante livre, mas, depois, pouco a pouco, montinhos de gente foram se unindo perto do espardeque⁶ à entrada do porão e próximo ao portaló externo do cais. O barulho e os gritos aumentaram: os de trás apressavam os da frente, e os da frente gritavam para trás que não havia lugar, embora ainda nem metade do navio estivesse ocupado.

Tendo conseguido alcançar, de alguma forma, a entrada do porão, vi que era impossível ir adiante. A multidão ocupava toda a escada, até a parte mais baixa.

Fui até lá por outro caminho e acabei numa bagunça inimaginável. Na penumbra, incrivelmente apertadas, as figuras sombrias se agitavam, faziam barulho e se empurravam, discutindo pra ver quais tarimbas pertenciam aos de Orlov; quais, aos de Tambov. Mas, visto não terem conseguido colocar em ordem o complicado plano do navio, então se aglomeravam com seus fardos, obstruindo todas as entradas e saídas.

Ninguém se acomodava nas tarimbas e era impossível entender quanto espaço eles ocupariam depois de se posicionarem da forma adequada. Apenas as crianças estavam sentadas perto das camas ocupadas e, com os olhos arregalados, observavam tudo o que acontecia ao seu redor.

Os rostos suados com veias inchadas na testa olhavam desnorteados, questionando-se uns aos outros sobre aquilo que nenhum deles sabia exatamente o que era. No ar, pairavam a poeira e uma espécie de névoa vinda das exalações.

Ao me avistarem, todos se atiravam com indagações:

– Mas onde é que nós, os de Orlov, ficamos... – falam os velhinhos assim que você entra
– E então você vai para a esquerda e agora os de Tambov e de Efrémov estão ali. Ai, é que está uma desgraça!

⁵ No original, a frase expressa literalmente “com fardos de cama nas costas” (с вьюками постели на спинах). Por entender tratar-se de itens como cobertores e travesseiros, optei por incluir estas palavras e deixar o sentido da frase mais compreensível em português.

⁶ Pavimento, acima do convés, para passageiros ou mercadorias leves.

– O lugar deles não é esse: de jeito nenhum – respondem os de Tâmbov; e você sabe que eles se confundiram. Deviam ter ido para o porão de número dois...

E assim por diante.

Percebendo que desse jeito eles nunca iriam conseguir tomar assento, mandei que se sentassem onde houvesse espaço livre.

Mas isso também não ajudou de imediato. Muitos deles ficavam parados perto das tarimbas livres e continuavam a procurar com afínco o “seu próprio” lugar, o qual já se encontrava ocupado por outros, enquanto aqueles que ocupavam o lugar não escolhiam as camas e se esmagavam ali mesmo, na passagem, e tudo isso já tornava impossível entrar ou sair do porão. Fui obrigado a avisar-lhes que o embarque estava interrompido até que todos os de dentro já se encontrassem, enfim, em seus devidos lugares.

Logo tudo ficou em ordem e o movimento foi retomado. O mar de gente rastejava devagar, preenchendo o navio e ocupando as tarimbas passo a passo.

O último porão já estava cheio de gente barulhenta quando junto à chama do candeeiro do cais, que tremia ao sabor do vento, era possível visualizar ainda cerca de cento e cinquenta pessoas paradas ou sentadas, com ares de cansaço, perto de suas bagagens.

Pelo visto não havia lugar para elas.

Juntei-me aos velhinhos agitados que perguntavam para onde iriam aquelas pessoas e fomos todos aos porões onde o embarque tivera início e nos quais não entrávamos há cerca de cinco horas.

Reinava o silêncio ali. Todos dormiam.

Mas bastava observar as tarimbas para perceber que as pessoas ocupavam o dobro do espaço que deveriam. Uns estavam deitados ao longo da tarimba, de modo a ocupar o lugar de dois; outros por alguma razão, achavam conveniente estender-se na diagonal, protegidos de seu entorno por baldes, tinhas, certos nós feitos de trapos e até mesmo barriletes. Aqui e acolá havia lugares totalmente desocupados.

Por mais lamentável que fosse ter de despertar as pessoas extenuadas por todo tipo de aflições, foi necessário fazê-lo. Mas, apesar de todo o barulho que fizemos, não chegamos nem perto de despertar todos.

Após explicar do que se tratava, pedimos a eles que se movessem para o lado.

Os despertados puseram-se a acordar os vizinhos e afastavam as crianças de perto das camas. Os sacos e as louças, todo o dispensável foi retirado das tarimbas e colocado no convés.

As pessoas se moviam com gosto, falando sobre a necessidade de alojar todos os irmãos. E o faziam desse modo principalmente as mulheres, sentenciando entre suspiros:

– As de Liubóchnia saem com todos pra fora, com todas as crianças... Oh! Quanto mais desse horror ainda teremos de ver...

– Nenhum – objetavam os outros – esse é o último, se Deus quiser. Agente um pouquinho.

Após uma das laterais do porão ser posta em movimento, liberamos lugar para umas trinta pessoas. Ao movermos toda a gente para o outro lado, acabamos acordando um velho.

Assim que acordou, ele se sentou sem entender nada por causa do sono. Os olhos pequenos – que ele passeava por toda parte de modo agitado e com os quais não pescava nada –, os lábios e o queixo demasiado sobressalentes para frente e os pedacinhos de bigodes que se destacavam tornavam-no ridiculamente cômico.

Quando lhe pedimos que se movesse na mesma direção dos demais, ele não respondeu nada e moveu-se em silêncio na direção oposta. Os velinhos explicaram-lhe para onde era necessário ir. Então, de repente, ele declarou arrebatado e com voz ofendida:

– Tá-á! Ora! Eu vou trazer você pra cá!

– E por que não? Dá tudo na mesma, não é?

– Mas se dá tudo na mesma, então, pra que ficar debatendo? Eu vou pra onde eu quiser e vocês que venham atrás.

– Mas, Chamchirin, entenda que todos precisam ir pra um mesmo lado pra liberar uma ponta desse espaço. Porque ainda tem gente de pé lá fora. Irmã-ã-ão!

– E eu não me afastei? Glikós, quanto espaço ainda tem? Ora, e por que vocês amolam com bobagens? Não vou pra esse lado: eu não quero. Entendeu?

Aos poucos todos do porão puseram-se a persuadi-lo e só depois de muitas discussões longas e acaloradas o velho teimoso se moveu, resmungando sobre a violência que o perseguia a caminho do Canadá.

– E disseram que agora ia terminar!... É!... Pelo visto ainda estamos bem longe disso!... – murmurou ele, arrastando a sua roupa de cama.

Batum

Quinta-feira. 10 de dezembro de 1898.

Já eram oito horas da manhã quando os últimos *dukhobors* terminaram de subir a bordo do navio.

Os guindastes matraqueavam sem parar carregando os últimos suprimentos e a farinha. A enorme chaminé lançava fumo; estavam aumentando o vapor na máquina e por vezes o navio apitava e estremecia como se estivesse contendo a impaciência de enfim pôr-se a caminho.

Logo chegou o chefe de polícia com os gendarmes⁷ e comissários.

O chefe sentou-se à mesa colocada ao lado do portaló. Quando as autoridades se instalaram, todos os *dukhobors* foram levados do navio para o cais. Assim que examinaram todos os alojamentos do navio, os gendarmes e fiscais alfandegários comunicaram ao chefe não haver súditos russos ali dentro.

O embarque começou.

Cada família se aproximava da mesa e apresentava o seu comprovante de viagem. O chefe procurava o passaporte correspondente, chamava cada membro da família, conferia todos e os deixava ingressar no navio.

Quanto aos passaportes, estes não eram entregues aos *dukhobors*, visto eles estarem partindo sob a condição de nunca mais retornarem à pátria. Por isso, os passaportes saíam da mesa do delegado para as mãos dos funcionários da alfândega, nas quais devem estar até hoje.

Na entrada do navio havia dois médicos de bordo, que examinavam cada *dukhobor* que chegava.

Isso era feito para evitar a existência de qualquer doença contagiosa no navio, bem como o adoecimento dos que estivessem dentro dele. Além disso, era evidente que, ao chegarmos ao Canadá, seríamos submetidos a uma longa e exaustiva quarentena.

O Conselho Geral decidiu que a família de Riazántsev – a qual pouco antes tivera escarlatina – teria de permanecer em terra.

Essa decisão causou uma impressão horrível em Riazántsev. Ele chorava, implorava, citava um monte de razões pelas quais precisava partir sem falta nesse exato momento, mas, evidentemente, acabou tendo de acatar.

Eu já estava no convés superior do espardeque e acompanhava os últimos preparativos quando a família de Riázantsev passou por mim e foi até a margem, levando suas próprias coisas para fora do navio.

Depois de passar por mim, Riazántsev ergueu seu rosto branco como papel e os olhos que brilhavam hostis e, em meio ao ronco do navio que se despedia da terra firme e do barulho da multidão de vários milhares, lançou as palavras:

– Ora, obrigado!... A culpa é toda sua!...

Eu sabia que dentro de sete dias sairia o próximo navio de Batum e que este o levaria dali, mas, apesar disso, fiquei horrorizado ao ouvir essas palavras, pronunciadas por lábios trêmulos pela emoção reprimida.

⁷ As palavras russas utilizadas aqui são полицеймейстер (chefe de polícia na época da Rússia tsarista) e городской (policia antes da Revolução de Outubro).

E por muito tempo ainda me lembrei do seu rosto e das palavras de ofensa e recriminação. Ao som do último apito nos despedimos dos que permaneciam na Rússia. Tão logo eles desapareceram na margem, as pranchas foram removidas; e, assim, as últimas pontas que nos ligavam à terra eram recolhidas.

A margem se afastava de nós lentamente, junto aos que nela estavam.

A hélice pôs-se a borbulhar com cuidado atrás da popa; o navio estremeceu e, girando de forma harmoniosa, moveu-se para frente devagar, ladeado por um bando de botes com os amigos que nos acompanhavam.

Os *dukhobors* entoaram um salmo.

Sons tristes e distantes, cheios de dor inconsolável propagaram-se pela margem que se afastava com rapidez.

Milhares de vozes se fundiam agora num brado de desespero, afronta e amargura. Pelo visto não apenas as pessoas, mas também a natureza silenciava comovida por esses soluços lancinantes dos vários milhares de pessoas que lamentavam, em meio à multidão, sua separação da terra-mãe.

Com as cabeças descobertas, tristes e solenes, e os olhos cheios de lágrimas e pesar, os *dukhobors* mantinham os rostos em direção à terra, na qual eles haviam crescido, onde haviam vivido e morrido os seus avós e bisavós, onde seus líderes haviam sido sepultados e onde eles tiveram de passar por tantos sofrimentos e suportar a perda de tantos entes queridos...

O salmo transbordava com cada vez mais amplitude numa torrente incontável, rogando à terra o perdão dos filhos que a deixavam.

Tal como a própria vida, as margens perdiam-se cada vez mais ao longe; já era impossível retornar.

Sentia-se estar acontecendo algo de uma dureza fatal e irreparável.

Por vezes entre as ondas profundas do salmo irrompia o ganido selvagem e cortante da sirene do navio, como se estivesse horrorizada diante de tudo o que surgia aqui...

O foguete lançado ao ar com o navio explodiu lá no alto, enquanto, ao longe, no céu azul, uma pequena nuvenzinha branca se dissolvia, permanecendo um pouco depois do sumiço do foguete.

De repente, os botes ficaram de vez para trás: o navio partiu a toda velocidade.

O salmo silenciou.

Petrificada e em silêncio, a multidão com os rostos molhados pelas lágrimas e respiração contida, olhava para a margem montanhosa e enevoada. Em meio ao silêncio sepulcral era possível ouvir uma mulher lutando contra as lágrimas em algum lugar perto do mastro...

Ao despertar, vimos que a margem já estava longe e ao redor do navio havia uma vasta extensão de água azul escura.

Os sons da cidade e da terra desapareceram.

As gaivotas giravam alvoroçadas sob os raios quentes do sol, quebrando o silêncio com seu piado agudo. Tanto a brisa fresca quanto as ondas pequenas e graciosas que batiam com delicadeza na borda do navio nos comunicavam estar em tempo de esquecer a vida em terra firme, agora ao nosso redor havia outra vida, outras forças, e que nós teríamos de lidar com essa vida desconhecida e obscura e depender apenas de suas leis.

Todos os olhares involuntariamente se voltaram para a límpida e serena linha do horizonte; além disso, um misterioso desconhecido nos esperava, em cuja direção o nosso vapor se dirigia com tanta confiança.

E cada um dos que estavam no navio olhava para lá e, com um suspiro mais ou menos pesado, pensava:

“Haverá algo a nossa espera ali?”

1. Leopold Sulerjitski, os *dukhobors* e a presente tradução. Alguns apontamentos:

Numa mescla de incerteza, consternação e até, de certa forma, esperança por dias melhores: eis como termina o excerto acima, selecionado com o intuito de demonstrar o potencial histórico e literário de uma obra até então completamente inédita em língua portuguesa. Focando especificamente nos últimos dois dias da vida dos *dukhobors* nas terras russas antes da partida para o Canadá, o presente trecho se encarrega não apenas de contribuir para a nossa melhor apreensão de um triste capítulo da história do país, como também nos leva a refletir sobre detalhes inacessíveis em relatos exclusivamente históricos. Pois aqui entramos em contato direto com as falas, olhares e atitudes dos velinhos e mulheres que tanto se apressavam em cuidar para que nenhum de seus irmãos ficasse para trás; temos acesso às reclamações dos que não se conformavam em carregar apenas um serviço de chá e uma muda de roupa ou simplesmente não queriam sair do lugar em que estavam; nos deparamos com a agitação, o cansaço e, inclusive, a empolgação durante o trabalho feito em conjunto antes do embarque; e, por fim, visualizamos a imagem poética de uma natureza viva e pulsante, aparentemente cônica dessa ruptura sem volta, que ocorre entre os *dukhobors* e a terra-mãe.

Embora esteja escrita em formato de diário, essa narrativa foi desenvolvida apenas posteriormente, entre os anos de 1900 e 1905, quando Sulerjítiski já havia retornado para a Rússia. Prova disso são as várias cartas trocadas nesse período com os escritores Máximo Górkí (1868-1936) e Anton Tchékhov (1860-1904), nas quais Sulerjítiski tratava de suas dificuldades, pedia conselhos literários ou dizia estar enviando uma parte da obra para que se opinasse sobre ela.⁸ Em carta escrita a Tchékhov no dia 23 de julho (4 de agosto)⁹ de 1903, por exemplo, Sulerjítiski diz estar escrevendo tudo aquilo de que se recordava e compilando em formato de memórias com a intenção de publicar aos poucos; lançar a primeira parte e, enquanto isso é feito, ir escrevendo as demais. Diz também sentir-se no direito de escrever sobre os *dukhobor* e estar apaixonado por esse trabalho a que vem se dedicando há tanto tempo. Porém, apesar dessa sua empolgação, Sulerjítiski alega também certa vergonha diante dos materiais em estado ainda tão inacabado e frágil e, ademais, termina solicitando muito cuidado por parte do amigo, já que “[...] não possuo nenhuma cópia. Portanto, envio ao senhor o único exemplar daquilo que escrevi. E peço-lhe encarecidamente que não perca os manuscritos” (SULERJÍTSKI, 1970, p. 429, tradução minha).

É interessante notar também o quanto Maksimo Gorki sempre insistia na escrita e publicação dessa obra. Foi ele, aliás, um dos principais incentivadores de Sulerjítiski no que diz respeito à conclusão desse projeto. Isso fica evidente por um trecho de sua carta, escrita em 20 de março (2 de abril) de 1903:

Terminei de ler o manuscrito e digo com toda a sinceridade: superou as minhas expectativas. De fato, meu caro, é uma obra valiosa. É evidente haver nela uma grande inabilidade em ordenar o material e os lugares; de fato, sem sombra de dúvidas, você está roubando de si mesmo cada vez que não deixa a imaginação se desenrolar com a força e o colorido que poderiam. Os lugares ali existentes me convenceram, assim como os enterros da criança, do homem que morreu de câncer e dos outros, a tempestade no oceano e a chegada ao Canadá. Está tudo muito bom e o principal é: você consegue escrever melhor ainda. Como fazê-lo? Não vou aconselhá-lo; encontre por si mesmo, caso queira. Você precisa juntar e adornar a partida de Batum: é um momento muito importante. Em todos os lugares onde for possível acrescente traços exclusivamente cômicos: eles dão vida ao conto, mexem nele e, com o tempo, censuram você por sua interpretação unilateral. Tudo o que eu digo é: leia o manuscrito até o fim com atenção e seriedade, uma ou duas vezes e você verá muitas coisas nele por si só, melhor do que eu. Em seguida: você precisa escrever. Escreva mais. O manuscrito está praticamente pronto para ser impresso, porém, do ponto de vista literário você pode e deve melhorá-lo. Você é capaz. (SULERJITSKI, 1970, p. 426, tradução minha)

⁸ Essas cartas encontram-se todas na coletânea organizada por Elena Poliakova com as obras completas de Sulerjítiski, disponível na bibliografia do presente artigo.

⁹ Adota-se aqui o padrão de anotar sempre as duas datas existentes para cada carta: a do calendário Juliano, utilizado antes da Revolução, e a do calendário Gregoriano, utilizada depois. A diferença entre ambos os calendários é de treze dias.

Foi o que Leopold Sulerjítsti se incumbiu de fazer ao longo dos dois anos seguintes, retrabalhando-o diversas vezes antes de sua publicação. E o fez não somente pela insistência de seus companheiros, mas, sobretudo, porque tinha outras três fortes razões para fazê-lo. Em primeiro lugar, porque considerava essa viagem para o Canadá como um dos grandes acontecimentos de sua vida, a ponto de dizer, anos mais tarde em meio a uma conversa, a seguinte frase: “no que se refere a minha vida, então apenas uma vez me senti absolutamente satisfeito em minha ocupação. Foi quando conduzi os emigrantes para o Canadá. Isso sim! Isso foi verdadeiro!”¹⁰. Em segundo lugar, porque durante os preparativos para a viagem, os 32 dias no navio e os 2 anos em que permaneceu na América, Sulerjítsti pôde exercitar o seu espírito jovem, livre, aventureiro e sempre tão dedicado a auxiliar os demais desinteressadamente. E foi capaz de fazê-lo sem ter pressa de voltar à pátria, já que à época da transferência dos *dukhobors*, Sulerjítsti ainda não se dedicava às atividades teatrais na Rússia tal como viria a fazer a partir de 1906, quando ingressou oficialmente no Teatro de Arte de Moscou como assistente de Konstantin Stanislávski (1863-1938).¹¹

E por último – mas não menos importante –, porque foi graças a essa viagem que ele pôde estreitar ainda mais os laços com o escritor russo Liev Tolstói, de quem era grande admirador desde a juventude.¹² O estreitamento dessas relações deu-se pela seguinte razão: porque foi Leopold Sulerjítsti quem enviou cartas a Liev Tolstói durante sua permanência no Canadá, sempre informando sobre o andamento de toda a situação dos *dukhobors*.¹³ A participação de Leopold Sulerjítsti nessa empreitada foi possível apenas graças à aceitação de uma proposta feita por ele a Liev Tolstói em carta de 4 (16) de julho de 1898:

¹⁰ Cf. V. Bulgákov, *O Tolstom, Druzia i Blizkie*, disponível em: <<http://az.lib.ru/>>.

¹¹ Leopold Sulerjítsti teve uma importante trajetória como pedagogo teatral ao lado do grande ator e diretor russo Konstantin Stanislávski (1863-1938). Sobre esse seu caminho artístico, falo especificamente no livro *Sulerjítsti. Mestre de Teatro, mestre de vida. Sua busca artística e pedagógica* (2019) editado pela Perspectiva e proveniente de minha pesquisa de mestrado realizada com bolsa FAPESP e orientação de Elena Vássina.

¹² Também a este respeito trato mais detalhadamente no livro supracitado na última nota. Mas devo aqui destacar o fato de Liev Tolstói e Leopold Sulerjítsti haverem se conhecido em 1894 através de Tatiana Tolstáia, com quem Sulerjítsti estudava na Escola de Pintura, Escultura e Arquitetura de Moscou. E Sulerjítsti, que já admirava Tolstói por sua personalidade e literatura escrita, passou a trabalhar como seu copista, a frequentar sua casa e até a almoçar com a família. Aos poucos a admiração tornou-se mútua. Liev Tolstói começou também a valorizar a sabedoria e capacidade de amar desinteressadamente o ser humano que se fazia presente em Sulerjítsti, sempre a serviço do próximo. E impressionou-se com o fato de este haver renunciado ao serviço militar em 1895.

¹³ Essa importante correspondência encontra-se atualmente guardada nos arquivos do Museu de Liev Tolstói, em Moscou.

Caro Lev Nikoláievitch, soube que os *dukhobors* vão se mudar e que logo virá de Batum o primeiro navio. [...] Ficaria feliz se o senhor me ajudasse a ficar por lá (no Cáucaso) entre eles e acompanhá-los até o navio de destino, caso precisem de alguém. Parece-me que lá eu seria de certa utilidade, mas não sei sobre as circunstâncias e gostaria de aconselhar-me com o senhor. [...] Falo inglês (embora mal), conheço o mar e a vida portuária e os preços dos alimentos e, o principal, sinto que minha consciência e todo o meu ser exigem de mim que esteja com eles e os ajude no que de mim precisarem. (SULERJITSKI, 1970, p. 387, tradução minha)

Ao que o escritor russo respondeu em 13 (25) de julho de 1898: “Querido Súler, fiquei muito contente ao receber sua carta [...] Ficaria muito contente se o senhor se juntasse aos *dukhobors*, penso que o senhor seria útil a eles. [...]” (SULERJITSKI, 1970, p. 388).

Após receber o seu consentimento, Leopold Sulerjítiski consegue a autorização de que fala Liev Tolstói no restante de sua carta de resposta e, então, parte para o Canadá com a quantidade imensa de *dukhobors*,¹⁴ que estavam sob sua tutela em Batum e que deveriam deixar a pátria após tantas desavenças com o governo tsarista.

Sobre este caso dos *dukhobors*, aliás, não se pode aqui deixar de comentar alguns pontos cruciais de sua trajetória na Rússia. Desde 1894, os russos se inquietavam diante das discussões relacionadas a esta antiga seita surgida no século XVII e baseada em ideias muito semelhantes às pregadas por Tolstói em fins do século XIX. Ou seja: a negação de propriedade, a recusa do serviço militar, o pacifismo, o vegetarianismo e a negação da Bíblia como fonte primordial de revelação.¹⁵ Além disso, em 1894, uma parcela dos *dukhobors* se negou a participar do alistamento militar obrigatório, bem como deixou de prestar o devido juramento ao tsar Nicolau II, fatores decisivos para o envio à Sibéria ou prisão. Os que restaram decidiram queimar suas armas como protesto. Mas esse fato foi rapidamente interpretado pelas autoridades russas como um motim e, conseqüentemente, cavaleiros cossacos cercaram, espancaram e chicotearam os *dukhobors* por horas; suas terras foram confiscadas; as casas, saqueadas. E cerca de 7 mil deles foram banidos para as montanhas.¹⁶ Nesse ínterim, Liev Tolstói, que já conhecia essa seita religiosa, comoveu-se e mobilizou-se para que o caso fosse divulgado no estrangeiro. Por meio de seu discípulo Tchertkov, conseguiu apoio para a causa e, mais adiante, a ajuda do Canadá, único país a oferecer-lhes abrigo, ainda que em uma área despovoada. Depois disso, Tolstói se

¹⁴ O número mencionado por Sulerjítiski em seu texto é de 2.140 *dukhobors*. Mas ele se refere à quantidade de *dukhobors* no local antes da partida. Visto nem todos partirem nesse primeiro navio, podemos estimar um número menor de viajantes.

¹⁵ Essas ideias propagadas por Liev Tolstói ficam muito evidentes em vários artigos presentes no livro *Os últimos dias* (Cf. bibliografia).

¹⁶ Todas essas informações, bem como as seguintes, encontram-se mais detalhadamente expressas no prefácio de Rubens Figueiredo escrito para o livro *Ressurreição*.

dedicou ao máximo à escrita de seu romance *Ressurreição* para arrecadar o dinheiro necessário à realização da transferência dos *dukhobors*,¹⁷ mais tarde relatada justamente em *Para a América com os dukhobors*.

Resta dizer que o relato de viagem deixado por Leopold Sulerjítiski se divide em 8 partes, a saber: “Em Batum”, “No mar”, “Oceano”, “Primeiros dias no Canadá”, “Na pradaria”, “Nos lotes”, “Na cidadezinha”, “Final do primeiro ano”. E que foi possível neste espaço da revista trazer aos leitores brasileiros apenas uma pequena parcela do que há nesta primeira parte (“Em Batum”), omitindo-se todo o início, em que se descreve o encontro de Sulerjítiski com os *dukhobors*, as primeiras conversas, o aparecimento de doenças e as dificuldades provenientes de encontrar um alojamento adequado antes da partida.¹⁸ Optou-se pelas três datas aqui traduzidas pelo fato de se encaixarem precisamente no limiar dessa nova vida, dando ao leitor um vislumbre de como o grupo se portava antes, da tensão desse momento crucial e transformador e, principalmente, dessa sensação de incerteza quanto ao futuro. No que diz respeito ao processo de tradução, as principais fontes de pesquisa foram as obras russas organizadas pela teatróloga russa Elena Poliakova,¹⁹ sobretudo sua compilação das obras completas de Sulerjítiski, onde é possível termos acesso às cartas, recordações e à própria obra *Para a América com os dukhobors*.

Também é importante mencionar a busca por uma tradução que fluísse tão bem quanto possível em nossa língua, seguindo-se os princípios da escola funcionalista da tradução, com foco na cultura de chegada e no critério de lealdade elaborado por Nord (2005). Assim, foram feitas algumas inversões que pouco alteravam o sentido original do texto, mas permitissem maior fluência em língua portuguesa, como neste parágrafo:

Por volta do meio dia de hoje as tarimbas estavam todas prontas. Porém, tanto elas quanto todos os porões dos conveses haviam sido cobertos por uma espessa camada de minúsculo pó de carvão desprendido durante o transporte do carvão.

Em vez de:

¹⁷ Nessa época, Tolstói já havia renunciado aos direitos de suas obras posteriores a 1881. Mesmo assim, apesar de isso ir contra seus princípios, viu-se obrigado a negociar os direitos autorais de *Ressurreição*. Graças à sua ajuda e ao dinheiro arrecadado, aproximadamente 10 mil *dukhobors* puderam viajar para o Canadá em vários navios a partir de 1898.

¹⁸ Em Batum, foi extremamente difícil encontrar um lugar onde os *dukhobors* pudessem permanecer até a partida. Em especial por os cidadãos de lá não conseguirem ver possibilidade de lucrar com essa seita vegetariana neste pouco tempo de permanência. Felizmente houve quem lhes cedesse gentilmente uma espécie de fábrica como alojamento, onde eles puderam permanecer apenas em troca de devolverem o local limpo e organizado.

¹⁹ Ambas se encontram disponíveis nas referências bibliográficas e são fundamentais para o entendimento da vida e da obra de Leopold Sulerjítiski.

Hoje, por volta do meio dia, todas as tarimbas estavam terminadas. Mas tanto as tarimbas quanto os conveses em todos os porões, durante o transbordo de carvão, haviam sido cobertos por uma grossa camada do menor pó carbonífero.²⁰

Este procedimento também ocorreu em frases menores, como “tímida e confiante, sua família veio atrás dele”, em vez de “atrás dele, tímida e confiante, veio a sua família.”²¹; ou “O chefe sentou-se à mesa colocada ao lado do portaló”, ao invés de “ao lado do portaló colocaram uma mesa, atrás da qual sentou-se o chefe de polícia”²²; ou ainda “chegou uma comissão composta pelo cônsul inglês e dois capitães de navios atracados em Batum” em vez de “veio até nós uma comissão, composta por dois capitães de navios atracados em Batum e um cônsul inglês”²³ ou ainda “e cada um dos que estavam no navio olhava para lá e, com um suspiro mais ou menos pesado, pensava”, no lugar de “e, olhando para lá, cada um dos que estavam no navio, com um suspiro mais ou menos pesado, pensava”²⁴.

Da mesma forma, houve necessidade de algumas inversões, devido ao fato de a língua russa ser mais impessoal e não como a nossa, onde o sujeito poucas vezes é oculto e quase sempre vem no início da frase. Nesse sentido, é possível citar frases como: “**precisamos** inspecionar”, no lugar de “**é indispensável** inspecionar”²⁵, ou “eles tinham de inspecionar as adaptações **que havíamos construído** para os passageiros.”, no lugar de “eles tinham de inspecionar as adaptações **construídas por nós** para os passageiros”²⁶.

Foi preciso também atentar-se para deixar as falas dos *dukhobors* o mais natural e informal possível, visto serem elas bastante divergentes da norma culta e repletas de corruptelas como “мово” (em “А Рязанцевым оставили еще больше мово!”, traduzido como “mas os Riazántsevs deixaram ainda mais coisas do que eu!”) ou “што-лича” (em “Ну уж, видно, берите, што-лича” , traduzido por “tá bem, já entendi. Pega, vai. O que se pode fazer?”

Além disso, os termos náuticos ou palavras consideradas menos usuais atualmente foram incluídos como notas de rodapé para ajudar a leitura do público não familiarizado com o vocabulário. No mais, embora tenha havido alguns ganhos (tal como em “as mulheres, sentenciando entre suspiros:” no lugar de “as mulheres, que suspiravam e sentenciavam:”) certamente não foi possível recuperar plenamente algumas belas passagens e sonoridades, tais

²⁰ No original: Сегодня, около полудня, все нары были окончены. Но и нары и палубы во всех трюмах за время перегрузки угля покрылись толстым слоем мельчайшей угольной пыли.

²¹ No original: За ним робко, доверчиво прошла его семья.

²² No original: Возле трапа поставили стол, за который сел полицеймейстер.

²³ No original: “пришла к нам комиссия, составленная из двух капитанов со стоявших в Батуме пароходоми английского консула.”

²⁴ No original: И, глядя туда, всякий бывший на пароходе с более или менее тяжелым вздохом думал:

²⁵ No original: Необходимо осмотреть

²⁶ No original: Они должны были осмотреть построенные нами приспособления для пассажиров.

como em “Шумно, весело шло дело.” (lido como “Chúmno, viessiélo, chtó diélo.” e que em português conseguiu manter a ideia do original de forma bem menos poética “O trabalho foi alegre e barulhento.”). Ainda assim, acredita-se aqui ter cumprido a tarefa tradutória de aproximar o leitor brasileiro atual de um tempo tão distante e diferente do nosso, contribuindo, desse modo, para a continuidade de estudos culturais russos, cada vez mais numerosos no Brasil.

Referências

BULGAKOV, V. **O Tolstom, Druzia i Blizkie.** (Sobre Tolstói, Amigos e Próximos.) Disponível em: <<http://az.lib.ru/b/>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

FIGUEIREDO, R. Apresentação. In: TOLSTÓI, L. **Ressurreição.** São Paulo: Cosac Naify, 2010.

MERINO, D. S. T. **Sulerjítiski. Mestre de Teatro, Mestre de Vida. Sua busca artística e pedagógica.** São Paulo: Perspectiva, 2019.

NORD, C. **Text analysis in translation. Theory, methodology, and didactic application of model for translation-oriented text analysis.** Second edition. New York: Brill Rodopi, 2005.

POLIAKOVA, E.I. **Teatr Sulerjítskovo: Ética, Estética, Rejissero. (O Teatro de Sulerjítiski: Ética, Estética, Direção).** Moscou: Agraf, 2006. Disponível em: <http://teatr-lib.ru/Library/Polyakova/suler/>. Acesso em: 25 jul. 2020.

_____. Jizn i tvortchestvo L.A. Sulerjítskogo. In: SULERJÍTSKI, L.A. **Povesti i Rasskazi: Stati i Zаметki o Teatre. Perepiska. Vspominania o L.A. Sulerjítskom.** Moscou: Iskusstvo, 1970. Disponível em: <http://teatr-lib.ru/Library/Sulerzhitsky/Suler/>. Acesso em: 13 jul. 2020.

SULERJÍTSKI, L.A. **Povesti i Rasskazi: Stati i Zаметki o Teatre. Perepiska. Vspominania o L.A. Sulerjítskom. (Novelas e Contos. Artigos e Observações Sobre Teatro. Correspondência. Recordações de L.A. Sulerjítski.)** Moscou: Iskusstvo, 1970. Disponível em: <http://teatr-lib.ru/Library/Sulerzhitsky/Suler/>. Acesso em: 07 ago. 2020.

TOLSTÓI, L. N. **Ressurreição.** São Paulo: Cosac Naify, 2010.

_____. **Os Últimos Dias.** Organização de Elena Vássina. Tradução de Anastassia Bytsenko et al. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2011.